

01-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de premiação "As empresas mais admiradas no Brasil 2012"

São Paulo-SP, 1º de outubro de 2012

Boa noite. Eu queria cumprimentar, aqui, o governador do Estado, Geraldo Alckmin,
Querida cumprimentar também minha querida amiga Lu Alckmin,
Cumprimentar o deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,
Querida cumprimentar também os governadores... o governador, aliás, da Bahia, Jaques Wagner,

Cumprimentar o Mino Carta e, em relação ao Mino, eu quero dizer que é sempre, para mim, Mino, uma honra receber este convite e participar desta cerimônia.

Cumprimentar também meu professor Luiz Gonzaga Belluzzo, conselheiro editorial da revista Carta Capital,

Cumprimentar os ministros presentes: Celso Amorim, Guido Mantega, Fernando Pimentel,

Cumprimentar o vice-governador do Estado de São Paulo, Guilherme Afif,

O presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, Barros Munhoz,

Cumprimentar a Maria das Graças Foster, presidenta da Petrobras, por meio de quem saúdo todas as empresas premiadas.

E o senhor Eike Batista, por meio de quem cumprimento todos os líderes empresariais premiados nesta noite.

Senhores empresários, senhoras empresárias,

Senhores diretores e funcionários da revista Carta Capital,

Senhores jornalistas, senhores fotógrafos, senhores cinegrafistas,

Eu venho aqui, com muito prazer, nesta cerimônia da revista Carta Capital, participar mais uma vez desta celebração que afirma a competência, a competitividade, a dedicação e o compromisso com o nosso país.

As empresas que estão aqui sendo premiadas, elas têm uma característica que é muito importante: elas são o retrato do Brasil que todos nós admiramos e queremos ver vitoriosos. É, de fato, um orgulho para o Brasil ter esse patrimônio, que são suas empresas, suas líderes empresariais e seus líderes empresariais.

Nós temos aqui um exemplo de empreendedores que atendem bem seus consumidores, que estimulam e incentivam seus trabalhadores, que geram bons resultados para seus acionistas, adotam práticas sustentáveis de produção e dão ganhos para o Brasil. São importantes para nós todos, brasileiros, porque produzem, investem e acreditam no Brasil e, ao mesmo tempo, se esforçam diariamente para vencer os desafios que a realidade sempre coloca diante de nós. Até porque todos nós sabemos que hoje vivemos um cenário econômico turbulento. Os países desenvolvidos não foram capazes, até o momento, de construir uma resposta adequada à crise que nós vimos se iniciar em 2008 e se prolongar até os dias de hoje.

A opção por políticas fiscais ortodoxas e, ao mesmo tempo, a opção por uma austeridade compulsiva tem produzido mais recessão e mais desemprego, mas, sobretudo, produz muita desesperança entre aqueles que veem seus direitos serem reduzidos, depois de conquistados. A política monetária expansionista é fonte de desequilíbrio das taxas de câmbio dos países emergentes, valorizando artificialmente as moedas dos países emergentes.

É inegável que a crise nos afeta, mas combinando responsabilidade fiscal com estímulos à produção e ao emprego nós, sem sombra de dúvida, temos nos saído melhor que muitos países, principalmente porque nós temos um caminho diante de nós, que é de recuperação e de esperança. Nossa economia vai continuar crescendo, agora ainda em ritmo menor, mas, sem dúvida, mostra sinais de recuperação. O emprego continua em expansão, a taxa de desemprego tem se mantido em seus menores patamares históricos, e isso durante essa crise.

Agora, é muito importante o que mostram os indicadores econômicos, que é uma recuperação do nosso crescimento. Esses resultados têm sido obtidos graças a uma grande perseverança do governo. Nós não nos conformamos com o desempenho menor da economia brasileira. E por isso nós não deixamos de tomar as medidas necessárias para proteger nossa economia e para mantê-la na trajetória do crescimento.

Nós adotamos, basicamente, três tipos de providências em simultâneo. Para o curto prazo adotamos sim reações diretas, reações pontuais aos efeitos da crise internacional. E quero repetir: é importante fazê-lo. Para o médio e o longo prazo, o enfrentamento... colocamos diante de nós como muito importante o enfrentamento dos gargalos que barram ou dificultam o nosso crescimento de forma sustentável e constante.

Estamos para isso implementando as mudanças que vão criar as condições mais efetivas para que o país tenha um padrão de crescimento sólido e sustentável, e, portanto, cada vez menos permeável às crises externas – apesar de sabermos que não somos uma ilha.

A lista de ações é longa, mas eu quero destacar algumas das medidas tomadas pela importância que têm ao assentar novas bases da competitividade de nosso país.

Estamos desonerando sistematicamente a produção, obviamente respeitando os limites fiscais. Incorporamos a redução da carga tributária às nossas prioridades. Já são 40 os setores que recolhem a contribuição previdenciária como um percentual sobre o faturamento, ao invés de sobre a folha de pagamento.

Desoneramos os bens de capital e autorizamos sua depreciação acelerada. Reduzimos o IPI de inúmeros segmentos produtivos: automóveis, linha branca, móveis, material de construção.

Criamos regimes especiais de tributação para estimular o investimento nas áreas de equipamento de telecomunicação, portos, ferrovias, para citar alguns.

Temos, hoje, uma legislação – aprovada pelo Senado, ao qual agradeço – capaz de inibir a

guerra dos portos.

Sei que ainda resta muito por fazer, tanto em matéria de racionalização como de reequilíbrio da carga tributária. De maneira alguma é a reforma completa que desejamos, mas temos dado passos consistentes na direção necessária para criar um ambiente tributário mais adequado, que estimule a atividade produtiva e o investimento.

Sem prejuízo do esforço para ampliar o consumo, que agregou milhões de brasileiros ao mercado por meio da distribuição de renda, temos dado prioridade ao investimento produtivo, com foco na inovação tecnológica e na infraestrutura, sobretudo transporte e logística.

Com o plano Brasil Maior ampliamos o crédito para investimento e inovação. O programa de sustentação do investimento, por exemplo, sobre encargo do BNDES, oferece taxas de juros reduzidas ou negativas que estimulam o investimento.

Para aquisição de caminhões ou de máquinas e bens de capital no âmbito do Finame, por exemplo, a taxa de juros corresponde a 2,5% ao ano. Usamos o poder de compra do Estado para fortalecer a produção nacional.

Somente o PAC equipamentos está mobilizando 8,4 bilhões para adquirir 8 mil caminhões, 8,5 mil ônibus, 3,5 mil retroescavadeiras, para citar alguns dos exemplos bem em tópicos, bem específicos, aos quais nós temos de recorrer para impedir que esta crise nos atinja de forma muito dura.

Fortalecemos a demanda para a indústria nacional através da sistemática política de conteúdo nacional: o que pode ser produzido no Brasil deve ser produzido no Brasil, e complementado com importações. Mas o que pode ser produzido aqui deve ser produzido aqui. E melhoramos a capacidade para apoiar as atividades produtivas e atender a população.

Intensificamos medidas de defesa comercial, ampliamos as investigações sobre denúncias de fraudes em importações e aplicamos inúmeras medidas administrativas, indeferimos bilhões de licenças de importação por falsa declaração de origem.

Para estimular a exportação aceleramos o ressarcimento dos créditos tributários para exportadores e adotamos o Reintegra.

Lançamos o Plano de Investimento em Logística para expansão ou adequação de 10 mil quilômetros de nossa malha ferroviária, duplicação e modernização de 7,5 mil quilômetros de rodovias, por meio de parcerias com o setor privado, mobilizando investimento de 133 bilhões.

Nessa questão da parceria com os setores entre o governo e o setor privado, uma das questões que eu julgo importante foi a desoneração e o incentivo às parcerias público-privadas, através de várias medidas.

Ampliamos em 58 bilhões o limite de crédito de 21 estados da Federação para que possam ampliar seus investimentos em infraestrutura. Recentemente, anunciamos uma inédita e significativa redução das tarifas de energia elétrica. A partir de 2013, a tarifa paga pelas empresas ficará entre 19,4 e 28% menor, e as tarifas pagas pelo consumidor, em torno de 16,2% a menos.

Ao falar da redução do preço da energia elétrica, que vai beneficiar bastante a economia e assegurar a absorção de uma vantagem comparativa, que o Brasil tem a usar, a fonte de hidroeletricidade, eu queria enfatizar uma questão, até porque tem sido distorcida de uma forma incorreta. Meu governo tem adotado, de forma absolutamente escrupulosa e, eu diria para os senhores, obsessiva, o respeito a contratos. O que está acontecendo na área de

energia elétrica é o fato de que os contratos de energia têm um tempo de vida menor do que o tempo de duração de uma usina. Uma usina tem uma longevidade, e o Brasil pagou, em alguns casos, até duas vezes, ou seja, por dois períodos de renovação de contratos, pagou pela sua energia sobre a forma trivial, da conta de luz, cada um dos senhores, cada uma das empresas, cada um dos consumidores. Nada mais justo que quando esses contratos vencem, portanto, dentro do maior respeito a eles, nós tenhamos tomado uma medida que se diferencia da renovação: nós tenhamos tomado a decisão de retornar aos consumidores este ganho obtido por todos os brasileiros.

A renovação é uma autorização legal que o Congresso terá de dar. Há duas hipóteses: ou se renova as concessões existentes, ou se, após transferir o que é ganho do consumidor para ele, se faça nova licitação. Nós achamos que, como os que exercem hoje as concessões o fizeram dentro de boas práticas, nada mais justo do que pedir ao Congresso a sua renovação. Poderíamos retomá-las e licitá-las, preferimos fazer uma proposta para o Congresso, de renovação da concessão dentro desses termos: findo o contrato, transfere-se para a população o que é direito dela. A população aí inclui todos nós e, obviamente, em especial, muito especial, também os empresários. Isso também é abrangido por uma redução dos impostos.

O Brasil tem de se orgulhar muito de ter feito o Luz para Todos. Eu lembro perfeitamente, em 2003, quando tinham 12 milhões de pessoas sem luz elétrica. Não há condição de ter desenvolvimento sem eletricidade, não existe hipótese. Depois se descobriu que não eram 12 milhões, está entre, hoje, em torno de 14 milhões de pessoas. Nós conseguimos chegar a algo que se poderia dizer que é o valor da universalização, que é uma proximidade a esses 14 milhões. Daqui para a frente, o que será feito pode ser feito perfeitamente pelas empresas distribuidoras, esses 14 milhões são população rural. É uma precondição, inclusive, para o aumento da produção na área rural, com a agricultura familiar.

Mas essa redução, então, é incorporada por uma redução de encargos e uma renovação das concessões com transferência dos valores amortizados para o bolso do consumidor, e isso é muito importante, por um motivo: nós sabemos que os países sairão dessa crise bastante competitivos. Por que isso? Primeiro, porque está havendo uma redução visível dos juros de longo prazo, porque o de curto prazo está em zero, os juros de longo prazo dos países desenvolvidos, em especial dos Estados Unidos, do Japão e do Reino Unido, estão sendo reduzidos através da política de *quantitative easing* que, de uma forma ou de outra, ou de expansão monetária que, de uma forma ou de outra, eles prepararam. Então, redução do custo de capital.

Depois, redução do custo de trabalho. *Nunca dantes foi visto cortes reais de 20, 30 a 40% no custo do trabalho.* E visivelmente, vão sair, portanto, com o custo de capital e de trabalho menor.

Nós também temos de sair com o custo menor. No caso específico da energia elétrica, nós temos de usar o fato que é uma vantagem competitiva do país que nós temos hidroeletricidade. Só quem tem hidroeletricidade tem uma usina que vive mais do que seu pagamento. Por isso é fundamental que o país aproveite as suas vantagens em termos de custo.

Por isso, eu gostaria de dizer que é por isso que é muito importante a cada dia a gente ampliar mais a consistência e a solidez no nosso ambiente macroeconômico. Eu me refiro à relação câmbio-juros que está melhor equilibrada, o que aprimora o cenário macroeconômico, uma vez que o câmbio, hoje, se encontra num patamar mais adequado do que no passado. E, ao mesmo tempo, a taxa básica de juros está no nível mais baixo da nossa história, o que traz enormes benefícios ao investimento produtivo, à gestão fiscal e também evita a

arbitragem.

Considero que a redução do custo de capital no Brasil é algo muito importante em termos do novo período e da necessária competitividade que a nossa economia tem de ter.

A disciplina fiscal é um dos nossos compromissos inegociáveis perseguido cotidianamente com sucesso até agora pelo meu governo, e tenho certeza que até o final dele.

Para citar apenas o indicador, eu quero lembrar que a relação dívida sobre PIB no nosso governo, hoje, está em 35% - talvez, uma das menores do mundo -, com um déficit nominal próximo de 2% - mas vamos dizer que seja 2%. Os países que nós frequentamos e recebemos sistematicamente têm déficits fiscais de 8%. É o caso do Reino Unido, é o caso dos Estados Unidos, quando não chega a níveis muito maiores.

Eu ousou afirmar que essas medidas, elas também são complementadas por um esforço grande na área da redução da tributação sobre a folha, no sentido de viabilizar, num quadro de pleno emprego, uma redução do custo da força de trabalho.

Tudo isso, eu gostaria de dizer que nós estamos lançando as bases de uma firme e metódica modernização que queremos para a economia brasileira. Nós temos de fazer isso lutando contra a crise, lutando contra nossos gargalos internos e os nossos custos sistêmicos.

Sobretudo, nós temos reforçado os alicerces para fazer avançar este Brasil, sem alterar o modelo que adotamos desde 2003 com o presidente Lula, que combina estímulo à produção e ao investimento e fortalecimento das políticas sociais, combina crescimento com inclusão social.

Em artigo recente, o economista Jeffrey Sachs afirmou que entre os atributos que uma economia modelo tem deveria constar as ações antipobreza do governo brasileiro. Eu fico muito feliz com essa afirmação dele, porque acredito que um diferencial nosso é esse.

Nós temos uma experiência extraordinariamente bem-sucedida do Bolsa Família, que nos habilitou a construir o Brasil sem Miséria, que é um conjunto de ações que vai permitir erradicar a extrema pobreza, por meio da transferência de renda, a inclusão produtiva e o acesso a serviços públicos.

Eu acredito que uma das mais importantes ações que nós tivemos no último ano, ainda no meu governo, é que tratamos a questão da criança. Nós temos uma discrepância no Brasil, que é o fato que as crianças e os jovens são, em termos de distribuição de renda por faixa etária, extremamente prejudicados. Há uma grande concentração por faixa etária no Brasil.

Por isso, nós começamos com a política de garantir a todos os integrantes de uma família que tem uma criança de zero a seis anos uma renda mínima de R\$ 70, porque a criança não tem como sair sozinha da pobreza, a forma dela sair é com a sua família. E queremos chegar, respeitando as condições fiscais, a incluir até a população de 15 anos. Isso é um objetivo até o final do meu governo.

Eu sei que o trabalho, o acesso ao trabalho, é o caminho fundamental para um adulto sair da miséria ou da pobreza, é ter trabalho, trabalho de qualidade, receber um salário, esse é o caminho. A saída é trabalho para adultos, para crianças. A única solução para crianças e jovens – a única solução – é educação, educação e educação.

Por isso, construir o Brasil do futuro exige vultosos investimentos em educação. E posto que é esse o caminho, nós, dentro de uma visão de médio prazo, e mesmo de longo prazo, nós temos de assumir o compromisso de ampliar o gasto com educação, como percentual do PIB. Para nós, investir em educação tem de ser a estratégia central do desenvolvimento do século XXI.

Nós estamos tendo várias iniciativas: creches; educação de tempo integral, sem o que nenhum país superou a situação de restrição ao desenvolvimento; investir na educação superior, através do ProUni, do Reuni, de todas as medidas... do Pronatec, que está sendo feita em parceria com a CNI e com as demais Federações. Mas, mesmo assim nós precisamos de mais recursos. E onde tem recurso? Tem na área de petróleo e gás. E eu acredito que uma das grandes questões que nós temos de discutir, logo após as eleições, é aonde que nós vamos destinar os recursos do petróleo e do gás, tanto no que se refere a *royalties* como ao fundo social aprovado, em relação a partilha.

E a importância da educação, ela tem de ficar clara. Por que eu acredito que esse é um elemento fundamental? Ele é um elemento fundamental tanto para que a gente garanta que a nossa classe média seja consistente e que não volte atrás, que não tenha um processo de perda de renda, mas também para que nós tenhamos condições de ter massa crítica para inovar e investir em tecnologia e em inovação.

Por isso, eu creio que um dos programas muito importantes do governo é o Ciência sem Fronteiras. E eu estou convencida que uma das características e uma das explicações para uma visão extremamente benévola que os outros povos têm, do Brasil, está, de um lado, nas nossas características de um povo não agressivo, um povo pacífico, um povo alegre, mas também pelo fato de que nós tivemos sucesso em políticas sociais. Nós somos admirados por isso, e nós somos admirados porque, ao contrário e na contramão da tendência, nós tiramos da pobreza uma Argentina, e elevamos à classe média.

Por isso, é absolutamente estranha aquela discussão de que o nosso modelo é baseado em consumo e devia ser baseado em investimento. Nosso modelo, para crescer, tem que ser baseado, em termos econômicos rigorosos, num aumento da nossa taxa de investimento. Agora, isto não significa que nós optaremos por não incorporar milhões de brasileiros ao consumo. Pelo contrário, isso nos torna... o que nos torna um país diferenciado é o fato de termos 194 milhões de habitantes e não sermos um país que tenha uma distribuição de renda que não transforme em cidadãos sua população.

Por isso, eu queria ainda acrescentar um comentário, antes de finalizar: é sobre a questão do protecionismo. Vocês têm visto grandes alegações a respeito do protecionismo. Agora, aqui, eu estou no meio de empresários, e todo mundo sabe que não existe nada mais mortal para a competição do que uma taxa de câmbio desvalorizada. E entre o *quantitative easing 1* e o *quantitative easing 2*, nossa moeda foi de R\$ 1,70 para R\$ 1,53 o dólar, o que mostra claramente uma perda brutal de competitividade que já vinha se acumulando. E ninguém vai acreditar aqui que não mexer no valor da moeda, aliás, pelo contrário, mexer no valor da moeda de forma artificial não seja um dos melhores, mas um dos melhores, mecanismos de assegurar uma competitividade artificial em relação aos outros produtos. Eu não estou falando nem do que signifique, em termos de expansão monetária e de efeitos dessa expansão monetária sobre preço de commodity e outras questões mais, eu estou me referindo fundamentalmente ao efeito disso na moeda. E os exportadores sabem do que eu estou falando.

Esta é uma questão que não é considerada em nenhum dos painéis, apesar de, de uma forma ou de outra, em todas as reuniões do G-20 haver uma ressalva quando se tratava desse quesito dizendo: "É, de fato, tem países, como o Brasil, que sofrem sobremaneira com expansões monetárias excessivas". Recentemente, pararam de falar, mas não deixaram de fazer.

Continuando, eu queria dizer que nós queremos um país avançado. E a solidez e a sustentabilidade do nosso modelo de desenvolvimento depende muito da nossa indústria, da indústria brasileira.

A indústria, representada nesta cerimônia pelo que tem de melhor, desempenha papel decisivo na modernização do país, na busca de inovação tecnológica, e é bom lembrar que, para nós, indústria brasileira, pela nossa Constituição, é indústria estabelecida no Brasil, e não uma indústria que você olha de acordo com a origem do capital.

Nós tratamos como brasileira, nacionalizamos como brasileira uma indústria que gera empregos e produz no Brasil, o que mostra que temos uma outra visão da questão da relação entre o nosso país e o resto do mundo.

Nós consideramos sempre muito bem-vindos ao Brasil quaisquer que sejam os empresários que aqui quiserem investir e participar da nossa luta.

Eu acho que uma outra grande questão que está por trás de todo o nosso esforço é transformar o nosso país num país de classe média. Acho que o sonho deste país, o grande sonho deste país é ter uma classe média forte, desenvolvida, poderosa, com bons empregos, com acesso à moradia, à saúde e à educação de qualidade.

Aliás, é muito importante que nós tenhamos a percepção de um fato: essa classe média criada e levada nos últimos dez anos a essa condição, ela ficará cada vez mais exigente no que se refere à qualidade dos serviços públicos.

A defesa do consumidor, num país que elevou 40 milhões à classe média, é, talvez, um dos elementos políticos importantes. Por isso, é importante que nós todos tenhamos consciência que serviços entregues ao consumidor - seja pelo governo, seja pela iniciativa privada - têm de ser de boa qualidade.

O Brasil mudou. Vão exigir que os telefones funcionem, que a saúde que o governo presta funcione, que as escolas sejam de boa qualidade. Isso é muito importante para todos nós, para cada um de nós, para o governo e para o setor privado.

Nós todos temos de perceber que este país de cidadãos consumidores é um país diferente, e que não vai dar certo separar as boas práticas para uma parte minoritária da população e práticas e serviços públicos de baixa qualidade para a grande maioria da população. Isso não funciona mais e não funcionará nem para o setor público, nem para o setor privado. Todos nós temos de ter esse compromisso de assegurar serviços públicos e privados de qualidade.

Eu me sinto no direito de afirmar que nós estamos fazendo um esforço imenso. Eu sei que cada um de vocês também está fazendo está esforço, que é crescer e se manter em meio, talvez, da mais grave crise que o mundo passou depois da crise de [19]29.

Eu sei que os países desenvolvidos sofrem efeitos muito fortes. É impossível imaginar o que significa 50% dos jovens de um país não ter emprego. Agora, eu tenho certeza de que o Brasil está em uma outra fase, e por isso eu imagino o que faremos quando o vento estiver completamente a nosso favor. E eu estou dizendo não é... não estou falando da situação internacional. eu estou falando o que nós podemos fazer com uma infraestrutura adequada de portos e aeroportos, com investimentos em inovação e tecnologia crescentes, com educação de cada vez melhor qualidade, com o uso adequado das riquezas do pré-sal, evitando também a doença holandesa, com tudo o que pudermos acumular da Copa da 2014 - além, obviamente, da nossa vitória - e com os Jogos Olímpicos.

Agora, eu quero fazer, finalmente, uma homenagem. Eu fico extremamente encantada ao imaginar o que nós faremos a partir do exemplo das empresas extraordinárias que estão sendo premiadas aqui hoje.

Muito obrigada.

[falha no áudio] lamentável que eu esqueci é de cumprimentar meu querido amigo prefeito

Gilberto Kassab. Kassab, a última é mais imperdoável. Vocês tem de me perdoar por sair.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-premiacao-as-empresas-mais-admiradas-no-brasil-2012-sao-paulo-sp) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-premiacao-as-empresas-mais-admiradas-no-brasil-2012-sao-paulo-sp>) (38min05s) da Presidenta Dilma.

02-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na III Cúpula ASPA

Lima-Peru, 02 de outubro de 2012

...desde a criação da ASPA, o intercâmbio comercial entre nossas regiões mais do que dobrou. Passou de 13,6 bilhões de dólares, em 2005, para 27,5 bilhões de dólares, em 2011. E, apesar dos efeitos da crise, o comércio total cresceu 44%. (falha no áudio) potencial para ampliar o comércio e aumentar os investimentos.

O encontro empresarial da ASPA, em sua terceira edição, identificará novas oportunidades de expandir e diversificar nossas relações.

Precisamos aproveitar a complementaridade entre nossas economias na área de energia, na área de mineração e no turismo.

O futuro de nossas regiões, senhor presidente, dependerá em grande medida da nossa capacidade de desenvolver uma autêntica cooperação. Cooperação para a inclusão social, cooperação para o desenvolvimento, investindo fortemente em educação, em ciência (falha no áudio) explosão de inovação.

Essa cooperação será fundamental para garantir, entre outras questões, a segurança alimentar e a segurança energética de nossos países – questões muito importantes neste século XXI.

Não podemos nos conformar com o papel de meros exportadores de commodities. Em um mundo cada vez mais interdependente, nossa soberania política está diretamente associada à nossa capacidade de educar, de produzir ciência e de inovar, desenvolvendo nossos sistemas produtivos e, também, nossos serviços – de preferência, de uma forma cada vez mais cooperativa com outras regiões e outros países.

No âmbito cultural, criamos a Biblioteca e Centro de Pesquisa América do Sul - Países Árabes, BibliAspa, voltada para a divulgação da produção cultural e acadêmica, nos idiomas árabe, português e espanhol. A Argélia criou uma Biblioteca América do Sul - Países Árabes, com sede em Argel e com unidades autônomas em países sul-americanos.

A cooperação agrícola é particularmente promissora e estratégica na busca compartilhada por segurança alimentar. Nossas regiões enfrentam os desafios fundamentais de combater a pobreza e a desigualdade, o que ressalta a urgência em avançar na implementação do Plano de Ação de Brasília para o desenvolvimento social adotado em 2010.

O Acordo Marco de Cooperação sobre Desertificação e Mudança Climática da ASPA, nos coloca na vanguarda da luta pelo desenvolvimento sustentável. Foi com esse intuito que o Brasil se empenhou em aprovar na Rio+20 um novo paradigma de desenvolvimento sustentável que articule as dimensões econômica, social e ambiental. Crescer, incluir, proteger e conservar foram as palavras de ordem fundamentais desta conferência.

Aguardamos com expectativa e interesse a COP-18, em novembro, no Qatar, quando devem ser definidos novos passos no combate à mudança do clima no horizonte de 2020.

Senhor presidente,

Nós vivemos num mundo que, sem sombra de dúvida, passa por grandes transformações. A persistente crise econômica originada nos países mais desenvolvidos, mas com efeitos que se propagam por todos os países, sem exceção, está trazendo novos desafios. As nações sul-americanas e as nações árabes precisam assegurar que as turbulências da economia internacional não criem obstáculos adicionais ao nosso desenvolvimento. A forte expansão da base monetária, a política monetária expansionista, os chamados afrouxamentos quantitativos ao desvalorizar as moedas dos países desenvolvidos tornam esses países artificialmente mais competitivos. O efeito cumulativo dessas políticas monetárias expansionistas conjugadas a uma exagerada austeridade, exporta a crise para o resto do mundo e não resolve os graves problemas dos países desenvolvidos como o desemprego galopante e a desesperança. O acesso à nossos mercados, é pois, extremamente facilitado por essas políticas de desvalorização das moedas. E um protecionismo disfarçado se impõe ao se reduzir as exportações dos nossos países em desenvolvimento.

Por isso, precisamos, sem sombra de dúvidas, senhor presidente, reforçar a nossa coordenação econômica e desenvolver a nossa cooperação em bases cada vez mais equânimes e solidárias.

Senhor presidente,

As transformações no plano político devem, também, merecer nossa especial atenção. O mundo árabe vive hoje profundas mudanças. Importantes manifestações populares exprimem anseios universais por participação política, desenvolvimento econômico e justiça social em diversos países.

Nós, na América do Sul, vivemos, em um passado recente, processos semelhantes de luta pela democracia política e pela inclusão social. Algumas das situações no mundo árabe nos causam muita preocupação. A violência generalizada na Síria, por exemplo, é fonte de profunda tristeza para o Brasil, que abriga milhões de descendentes árabes, inclusive, senhor presidente, o vice-presidente da República do Brasil é de origem árabe.

Estamos conscientes que a maior responsabilidade pelo ciclo de violência recai sobre o governo de Damasco – vitimando, sobretudo, mulheres, crianças e jovens. Mas sabemos, também, da responsabilidade das oposições armadas, especialmente daquelas que contam crescentemente com apoio militar e logístico estrangeiro.

O Brasil tem apoiado os esforços da ONU, da Liga Árabe e, sobretudo, do enviado especial Lakhdar Brahimi, em favor de uma solução negociada para o conflito – aliás, do nosso ponto de vista, a única solução possível – e espera que todos os envolvidos aceitem o caminho do diálogo, que é, sem sombra de dúvida, o caminho da paz na região.

Sabemos que a Líbia e o Iraque também enfrentam graves problemas decorrentes de conflitos internos, agravados pela intervenção externa que sofreram. A solução para os problemas enfrentados pelos países árabes, do nosso ponto de vista, só poderá ser encontrada por eles próprios.

Queremos contribuir para a reconstrução desses países e para seu desenvolvimento econômico e social, mas sabemos que o caminho desses países passa por eles.

Repudiamos todas as formas de intolerância religiosa e, diante dos acontecimentos das últimas semanas, reafirmamos nossa condenação veemente de todas as manifestações de “islamofobia”. Com a mesma veemência, senhor presidente, afirmamos também nosso repúdio aos atos recentes de violência e terrorismo praticados contra os Estados Unidos, Alemanha e outros países. Preocupa igualmente a crescente retórica em prol de ação militar unilateral contra instalações no Irã. Qualquer iniciativa desse tipo constituirá violação da Carta

da ONU, desestabilizará ainda mais o Oriente Médio e atingirá a sua população com gravíssimas consequências para a humanidade.

Senhoras e senhores Chefes de Estado e de Governo,

É importante que outros eventos em países do Oriente Médio não nos façam esquecer a questão Palestina, ou melhor, a questão Israel-Palestina. O reconhecimento do estado Palestino pela ONU, no contexto da chamada solução dos dois estados, é a única alternativa plena e consistente para a paz na região. O Conselho de Segurança das Nações Unidas não podem abdicar de suas responsabilidades e transferi-las para um quarteto inoperante. Apenas uma Palestina livre e soberana poderá atender aos legítimos anseios, inclusive de Israel, por paz com seus vizinhos, segurança nas suas fronteiras e estabilidade política-regional.

Senhor presidente,

Os temas do desarmamento nuclear e da não proliferação das armas nucleares tocam muito de perto a América Latina, uma região livre de armas nucleares. Acredito que este é um exemplo a ser seguido por outras regiões do mundo.

Por isso, senhor presidente, o Brasil apoia a iniciativa de uma conferência para discussão de uma zona livre de armas de destruição em massa no Oriente Médio. Esta, sem dúvida, seria uma contribuição de peso à paz e à segurança no Oriente Médio e no mundo.

Senhor presidente,

Finalmente gostaria de dizer que a nossa presença em Lima, hoje, acompanhados dos secretários-gerais da Liga dos Países Árabes e da Unasul, Nabil El Araby e Alí Rodríguez, é ocasião carregada de simbolismo. Iniciativas como estas conduzem à tolerância, ao diálogo e ao compartilhamento de experiências favorecendo o desenvolvimento pacífico, inclusivo e solidário nos países das duas regiões.

Vamos com essa conferência, senhor presidente, dar mais um passo em direção a uma maior cooperação econômica, política e cultural. Desejo a todos um encontro proveitoso e fraterno.

Muito obrigada.

03-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção da MP do Brasil Carinhoso

"O Brasil Carinhoso é um dos melhores desdobramentos do Bolsa Família que nós temos, um dos melhores avanços", disse a presidenta

Brasília-DF, 03 de outubro de 2012

Eu queria primeiro cumprimentar e agradecer... cumprimentar e agradecer porque esse é um ato no qual eu sanciono a Lei do Brasil Carinhoso.

Cumprimentar e agradecer o senador Gim Argello e a deputada federal Érika Kokay.

Ao agradecê-los, eu agradeço o Congresso pela sensibilidade que teve na aprovação dessa lei, que eu considero uma das leis... uma das principais leis do meu governo.

E queria também agradecer a ministra Tereza Campello pelo empenho e pela dedicação, e pela busca em cumprir as metas que estão nesta lei que hoje eu sancionei, que era uma medida provisória e agora virou uma legislação.

Agradeço também ao ministro Mercadante pela sua determinação em relação às creches, e ao ministro Padilha, por toda a complementação que nós estamos fazendo para as crianças, num grande esforço.

Eu queria registrar uma única questão. Eu acho que o Brasil dá um passo refinando cada vez mais a sua política social. Quando a gente vai em reuniões internacionais, a gente percebe que há um grande respeito pelo Brasil, principalmente nas políticas sociais. E são, justamente, as políticas sociais que atraem a atenção, desde pessoas que não estão no exercício da atividade pública, mas são intelectuais, até líderes e integrantes de governos, os mais diversos - desde governos do Oriente Médio, passando por governos africanos, asiáticos, enfim, da Europa Oriental, todos aqueles que têm o desafio de tratar, de incluir suas populações. Eles olham com muito interesse para os nossos programas.

E eu acho que o Brasil Carinhoso é um dos melhores desdobramentos do Bolsa Família que nós temos, um dos melhores avanços. O Bolsa Família, lançado pelo presidente Lula e que nós aprofundamos porque, cada vez, inclusive, conhecemos mais. Na verdade, nós hoje, somos detentores de uma tecnologia para a inclusão social.

E agradeço aqui a Secretaria de Assuntos Estratégicos e ao presidente do IPEA, Marcelo Neri, também pela... toda a discussão feita – e aí, ao falar deles, eu estou falando de todo o governo – feita no sentido de perceber que, no Brasil, tem uma distribuição desigual da renda por faixa etária. E aí, quem menos... quem menos fala por si só são as crianças desse país, são aquelas que têm uma renda menor em relação ao conjunto das demais idades.

Por isso, esse é um aperfeiçoamento muito grande do nosso programa. Eu tenho certeza que se em cinco meses nós conseguimos esses resultados – que a Tereza mostrou – de reduzir a

exclusão social de cinco milhões de crianças e jovens, nós iremos, prosseguindo nisso, acelerar principalmente a situação e melhorar a situação daquela parcela mais vulnerável da população brasileira. Que, contraditoriamente, apesar de ser a mais vulnerável, é a mais forte em termos da Nação porque representa o futuro do nosso país e da nossa nacionalidade, que são as crianças e os jovens.

Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui hoje. Cumprimento todos os integrantes do governo que participaram dessa construção e acredito que nós vamos, sem sombra de dúvida, dar o maior passo quando todos nós juntos – Congresso e Executivo – tomamos medidas que visam a melhorar a situação do país.

Muito obrigada. Agradeço, mais uma vez, ao senador e à deputada por estarem aqui.

▣ Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-da-mp-do-brasil-carinhoso-brasilia-df-04min54s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-da-mp-do-brasil-carinhoso-brasilia-df-04min54s>) (04min54s) da Presidenta Dilma

05-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da exposição das obras de Caravaggio

A exposição encerra a programação do Momento Itália-Brasil 2011-2012, promovido entre os dois países para celebrar laços de amizade

Brasília-DF, 05 de outubro de 2012

Eu queria iniciar agradecendo, aqui, os patrocinadores porque... sabe Carlinhos, eu estou muito feliz de te receber aqui. Então, eu queria agradecer os patrocinadores porque uma exposição dessa, ela exige certos cuidados.

Nós vamos ver seis obras de um grande, mas de um dos maiores pintores, não só... Que a Itália deu para o mundo.

E aí eu agradeço à Fiat, o Cledorvino Belini; agradeço à Caixa, o nosso querido Hereda; e agradeço, principalmente, ao embaixador da Itália no Brasil, senhor Gherardo de La Francesca.

Eu gostaria de dizer que... Eu gostaria de dizer, embaixador, que pra mim esse gesto da Embaixada Italiana no Brasil é um gesto que aproxima ainda mais o Brasil da Itália – e aproxima de uma forma especial, que é aquela que só a arte consegue fazer entre os povos –, mostrando o que tem de melhor na cultura italiana.

E eu queria dizer que pra mim é um momento especial porque nós estamos aqui numa obra moderna, original, que é o Palácio do Planalto e, ao mesmo tempo, estamos recebendo seis telas de um dos maiores pintores – que tem gente que diz que é do barroco, eu, especialmente, acho que ele é maneirista, mas essa é uma questão que também não tem grande importância –, mas é algo que eu considero encata... É um encantamento poder permitir que milhares de brasileiros que nasceram aqui ou que visitam essa cidade tenham acesso à essas seis obras.

Elas vêm de uma trajetória de uma quantidade imensa de gente procurando, fazendo fila, ficando horas na fila em São Paulo, em Minas Gerais, em BH para ver essas seis telas. Duas delas nunca saíram da Itália.

Ele é, sem sombra de dúvida, um grande pintor e um palácio de governo serve para várias coisas: serve para a gente passar os dias gerindo e se esforçando para governar bem o Brasil; mas deve servir, também, para que a gente possa expor grandes pintores.

E aí eu queria lembrar... nós fizemos o ano passado uma exposição por ocasião do Dia das Mulheres, uma exposição em que houve a presença de vinte e uma mil pessoas, sendo que nove mil eram crianças. Tenho certeza que elas, ao começar a enxergar, ao começar a curtir e a começar a contemplar essas pinturas, vão guardar isso para sempre. E vão fazer com que isso melhore a forma como se encara o mundo. Porque a arte é para isso: a arte é para dar essa dimensão, quase sagrada em relação à vida, que é a nossa capacidade de interpretar a vida, a natureza e o mundo.

Eu queria dizer que ele é um dos pintores que na minha vida mais me impressionaram. Acho que ele tem uma própria... a vida dele é extremamente dramática – para não dizer em alguns aspectos trágica – mas ele sempre foi um grande, um grande degustador da vida. E isso está expresso em cada pintura que ele nos legou.

Lamento, viu, embaixador, que a que eu mais gosto não tenha vindo, que é o Cupido Adormecido. Mas, tem outras tão ou mais bonitas para muitas outras pessoas.

Um abraço para vocês. E eu queria que a imprensa também tivesse direito – vou defender aqui o direito dos fotógrafos, dos jornalistas, dos cinegrafistas. Tenho certeza que a Marta e o Gilberto, em nome do governo, junto comigo estão falando, também, que vocês sejam muito bem vindos. E desfrutem desta exposição.

E queria, finalmente, finalizar dizendo aqui – estamos dois representantes de poderes: eu e o ministro Ayres Brito, que trouxe a sua filha. É um momento especial, também, para nós que estamos aqui em Brasília permanentemente.

Um abraço a todos.

⁸ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-exposicao-das-obras-de-caravaggio-brasilia-df-05min44s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-exposicao-das-obras-de-caravaggio-brasilia-df-05min44s)(05min37s) da Presidenta Dilma

07-10-2012 - Mensagem da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em entrevista à imprensa, após registrar seu voto durante as eleições municipais 2012

Porto Alegre -RS, 07 de outubro de 2012

Eu vou dar uma mensagem para o Brasil. Eu acho que... Eu queria registrar uma coisa: eu sou da geração que não votou. E é importante, mesmo quando a memória individual das pessoas vai se dissolvendo, porque muita gente no Brasil já nasceu na democracia, mas tem uma quantidade de brasileiros que ainda se lembra do que é não ter o direito ao exercício do direito do voto.

E eu queria dizer que hoje é um momento muito especial para o Brasil porque, mais uma vez, nós reiteramos que esse país é uma democracia estável, com regras, com respeito aos direitos das pessoas e, especialmente, com essa imensa festa que é escolher quem vai dirigir a sua própria cidade. Aqui, no caso, nós estamos escolhendo quem vai dirigir Porto Alegre e eu desejo a todos os porto-alegrenses, como a todos os gaúchos e a todos os brasileiros – porque esse é um país unido – eu desejo a todos eles e a todas elas uma ótima eleição.

☐
Ouça a íntegra do [discurso](http://www2.planalto.gov.br/multimedia/galeria-de-audios/audio-de-mensagem-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-entrevista-a-imprensa-apos-registrar-seu-voto-durante-as-eleicoes-municipais-2012-porto-alegre-rs-1min20s) (<http://www2.planalto.gov.br/multimedia/galeria-de-audios/audio-de-mensagem-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-entrevista-a-imprensa-apos-registrar-seu-voto-durante-as-eleicoes-municipais-2012-porto-alegre-rs-1min20s>) (1min20s) da Presidenta Dilma.

17-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração da Usina Hidrelétrica Estreito

Estreito-MA, 17 de outubro de 2012

Eu queria cumprimentar todos aqui presentes, dizer que eu estou muito feliz de estar aqui nesta região, que é uma região fronteira de dois estados importantes da Federação: o Maranhão e o Tocantins.

Cumprimento o senador José Sarney, ex-presidente da República e presidente do Senado Federal,

O governador em exercício do Tocantins [Maranhão], Washington Oliveira,

E o governador de Tocantins, o nosso Siqueira Campos.

Cumprimento os ministros de Estado que me acompanham nesta viagem: o ministro Gastão Dias Vieira, do Turismo; o ministro Crivella, da Pesca e Aquicultura; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; e o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Zimmermann, que, neste ato, representa o ministro Lobão.

Cumprimento o deputado Arnaldo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão,

O senador João Ribeiro, aqui presente,

O deputado Francisco Escórcio.

Cumprimento também o senhor José Gomes Coelho, prefeito de Estreito,

O senhor José Rubens, prefeito de Aguiarnópolis.

Cumprimento, especialmente, também os prefeitos eleitos aqui presentes.

Cumprimento o diretor-presidente da GDF Suez, Gérard Mestrallet.

Cumprimento todos os funcionários da Tractebel, na pessoa do Maurício Bahr, líder... representando a liderança no consórcio que construiu a usina.

Cumprimento nosso Murilo Vale [Murilo Ferreira], da Vale do Rio Doce,

O Franklin Feder, da Alcoa.

Cumprimento também, muito especialmente, o nosso companheiro Cirineu da Rocha, coordenador Regional do Movimento dos Atingidos por Barragem e as companheiras também do movimento de atingidos por barragem, que estão aqui presentes.

Um cumprimento aos senhores fotógrafos, cinegrafistas e, em especial, aos jornalistas.

Inaugurar, aqui, essa Usina de Estreito eu acho que para mim, hoje, é um momento especial porque nós estamos, na verdade, comemorando anos a fio de determinação, trabalho,

empenho e teimosia. Porque tem muito de teimosia para fazer essa usina, considerando todos os problemas de ordem institucional, regulatória e de equacionamento econômico-financeiro.

Estreito, como foi recordado aqui, faz parte de um determinado momento na vida do país que houve uma série de obstáculos à construção de usinas de uma forma, eu diria assim, mais ágil. Mas eu queria saudar aqui os empreendedores, porque essa usina ela foi feita pelo empenho desses empreendedores e disso eu sou testemunha.

Eu sou testemunha porque foram várias vezes que eu participei de reuniões em que, de uma forma ou de outra, nós tínhamos ali eu como, eu acho mais... emprestando uma coisa que o Estado tem de ter, que é a capacidade de escutar e de, na medida do possível, tentar equacionar em conjunto com o setor privado os impedimentos para a construção de um projeto desses. Então, eu saúdo os empreendedores. Eu sei do que eu estou falando, eu vivenciei com eles.

Muitos deles, e aí eu não posso esquecer também do Zaroni, não posso esquecer do Zaroni, que é um diretor da Tractebel. Espero que o Zaroni continue de diretor. A última vez que o vi, ele era diretor. Continua? Tá bom, então saúdo também o Zaroni, porque acho que isso foi um trabalho de equipe. Um trabalho de equipe que envolveu empresas que são empresas brasileiras.

Elas podem ter origem de capital em outros países, mas elas entraram no Brasil e adotaram os problemas e a nacionalidade brasileira. Por isso, também, eu quero dar meu testemunho aqui do empenho – tanto da Alcoa como da Tractebel – na construção dessa usina e do esforço feito por todos nós para que ela saísse.

Isso é muito importante, porque nós tínhamos – era, então, o governo do presidente Lula –, nós tínhamos a convicção que o país precisava voltar a investir em energia hidrelétrica. Ele tinha parado um tempo de fazer esse investimento e esse investimento para nós era estratégico.

Portanto, ao retomar o investimento de Estreito – e os motivos pelos quais Estreito demorou mais que outras usinas se devem justamente ao fato desses obstáculos que eu me referi. Ela foi licitada num modelo e foi construída em outro. Acredito que ela só foi construída porque tinha o outro modelo, porque esse outro modelo tornava eficaz essa construção produtiva e, obviamente, lucrativa também para os empreendedores.

Além disso, era uma região estratégica para que se construísse hidreletricidade. Porque a gente sabe que a hidreletricidade não é o concreto, não é todas as estruturas metálicas que se usa, nem tampouco essa grandiosidade que toda usina hidrelétrica tem e que é comovente, porque nela está expressa trabalho de milhões de trabalhadores brasileiros. Apesar dela ser operada por não muitos trabalhadores, ela é um projeto de milhões e milhões de esforços, mais de milhares de trabalhos individuais.

Eu gostaria de dizer que é muito importante esse momento por isso. Sei que o Brasil é um país privilegiado, porque nós ainda temos fontes hidrelétricas a explorar. E gerar energia a partir dos nossos rios, do ponto de vista ambiental, é muito melhor do que gerar energia a partir de óleo combustível, diesel... óleo combustível, óleo diesel ou carvão. E muito mais seguro, do ponto de vista de seus efeitos e consequências, do que gerar energia nuclear, e muito mais longo, muito mais duradouro.

Só para vocês terem um ideia, eu estava aqui pensando - e comentei com o senador Sarney – que, quando vencer o contrato desta usina, eu terei 99 anos, 99 anos. Portanto, ela será uma coroa quando eu estiver bastante velha - e espero viver até os 99. Mas é essa

característica de uma usina hidrelétrica que torna a usina hidrelétrica em uma coisa importante para o país.

Ela, além de ser uma energia renovável, além de ser uma energia com baixo impacto ambiental – porque ela não emite na quantidade de uma usina térmica à combustível fóssil ou físsil, físsil menos, mas fóssil seguramente -, ela não emite gases de efeito estufa e isso significa que nós temos um projeto de energia renovável. Além disso, ela tem... ela dura. O Brasil não tem de, sistematicamente, - como tem de fazer em uma térmica – de 15 em 15 anos, ou, na melhor das hipóteses, de 20 em 20, ficar reinvestindo uma quantidade muito grande de dinheiro.

Então, hoje é um momento da gente comemorar Estreito, porque são 1087 megawatts, são 1.087. E aí, eu acredito que a gente tenha de falar com muita força: unidades de energia limpa, feitas para o Brasil e para os brasileiros, e que entra no sistema elétrico.

Aproveito para cumprimentar o nosso diretor da ONS, do Operador Nacional do Sistema [Elétrico], que é responsável, pelo lado de lá da usina, que é a transmissão da energia. E dizer que esta comemoração que nós fazemos ao inaugurar Estreito, ela faz parte do fato do Brasil também ser diferenciado porque 86% da sua geração de energia elétrica provêm de hidreletricidade. Talvez sejamos um dos, não o único, mas um dos poucos países do mundo que têm ainda esse privilégio de ter como fonte de geração de energia a hidreletricidade.

Nós temos de ter projetos desse tipo porque o Brasil é um país que quer crescer e que acha que seu crescimento não é contraditório com a observância das melhores práticas ambientais. E aqui nós estamos diante de uma das melhores práticas ambientais na área de energia – que é uma área extremamente desafiadora – que é a energia hidrelétrica.

Nós estamos aqui provando que é possível crescer, fazer crescer a produção de energia e, ao mesmo tempo, respeitar o meio ambiente.

Quero dizer que nós fizemos um grande esforço para estabilizar o setor elétrico no Brasil, para que não haja racionamento, para que as melhores práticas de segurança sejam implantadas e isso é um projeto que passa, necessariamente, por uma cooperação entre o setor público e o setor privado.

Nós voltamos, também, a investir não só em geração, mas em redes de transmissão e distribuição ao longo de todo o período do governo Lula e no meu período de governo nós iremos continuar perseguindo essa expansão de forma planejada e consistente.

Queria dizer para vocês que essa usina também, antes de produzir energia, ela produziu empregos. Ela produziu empregos, ela produziu oportunidades de treinamento. Agora, eu queria dizer o que ela pode produzir também. Ela pode produzir peixes. E aí eu vou cumprimentar aqui o consórcio, pela iniciativa de construir essa parceria com o Movimento de Atingidos por Barragens.

É fundamental para o nosso país que nós tenhamos sempre essa ideia: por trás de qualquer obra, tem de ter também o interesse das pessoas da região, das pessoas que vivem aqui, que tiram seu sustento do rio e das terras em torno. E aí este projeto que o ministro Crivella irá lançar no final deste mês... nós estamos esperando, não é, Crivella, passar as eleições para lançar um projeto que tem muito sentido social, porque é um dos instrumentos de inclusão social e distribuição de renda e inclusão produtiva, que é um programa - como se tem um programa para a Agricultura Familiar – baseado em um programa de Agricultura Familiar, nós vamos fazer um programa para a Pesca também.

E eu acredito que esta usina, ela pode trazer, junto com o acesso à terra, o acesso ao pescado, o acesso a uma produção de renda e riqueza para os atingidos pela barragem, que

terão de ter uma renda muito significativa – inclusive, como compensação por esse processo.

Eu queria dizer que daqui também, depois que se produz energia, se tira também riqueza, se tira riqueza deste rio e deste reservatório.

Querida também cumprimentar o ministro Márcio Zimmermann porque, junto com esse modelo de voltar a construir hidrelétrica, voltar a investir em redes de distribuição e transmissão, o Brasil está chegando em um patamar que nós devemos ter orgulho.

Tinha uma coisa que me incomodava muito quando eu entrei no Ministério de Minas e Energia, e eu ficava muito... até envergonhada, o fato de que nós éramos um país com grandes riquezas, o fato de que o nosso país era grande e o fato de que uma porção de gente neste país vivia sem luz elétrica.

Quando nós fizemos o primeiro balanço, não tinha Censo. Nós calculamos em torno de umas 2 milhões de famílias no Brasil que não tinham hidreletricidade. Dois milhões de famílias. Geralmente, essas famílias a que nós estamos nos referindo são famílias que residem na zona rural, e, portanto, famílias que representavam uma das chagas do nosso país, que era a pobreza. Muitas vezes, eu estou falando aqui de pobreza extrema. Não ter nem acesso à luz elétrica.

Então, o Brasil deu um salto. Nós estamos chegando, já fizemos os 2 milhões – que, naquela época antes do Censo, a gente achava que era o que não tinha luz elétrica e agora estamos nos aproximando dos três milhões e concluindo o processo de universalização da hidreletricidade no Brasil.

Algo que é importante para assegurar que no setor, aqui por exemplo, é impossível pescar e não ter – não é, ministro Crivella? – e não ter um resfriamento do peixe, um frigorífico. E não tem frigorífico sem hidreletricidade.

Então, é providenciar essas duas mãos que o Brasil tem de ter. De um lado, querer fazer uma obra dessa envergadura, com recursos da indústria brasileira, com empreendedores que são empreendedores que estão aqui no Brasil, que têm compromissos com o Brasil, e ao mesmo tempo sermos capazes de resgatar socialmente a desigualdade desse país. Eliminá-la, no sentido de garantir que essas pessoas possam caminhar sobre os seus pés e tenham as devidas oportunidades que cada um dos brasileiros tem direito de ter.

Por isso, aqui hoje nós estamos, eu diria assim, na encruzilhada que mostra que isso é possível. Que é possível crescer e distribuir renda. Que é preciso manter a austeridade e ao mesmo tempo investir. Que é possível manter os empregos mesmo quando a crise bate forte no mundo e nos atinge de alguma forma.

Nós vamos continuar crescendo. E para continuar crescendo nós temos de ser competitivos e a energia elétrica também é um fator de competitividade. Por isso, o Brasil está fazendo algo que só pode ser feito por países que fizeram duas coisas: países que investiram em hidreletricidade e países que concluíram a universalização da luz para todos.

Por que que só nós podemos fazer isso? Primeiro, só a hidreletricidade dura mais que o pagamento por isso que está ali. Quando eu tiver 99 anos – não é Maurício Bahr? – eu tiver 99 anos, essa usina terá 35. Então vocês podem fazer a conta, eu tenho 64, é fácil.

Então, o que acontece? Acontece que, quando ela tiver 35, o Brasil, através das suas tarifas de energia, pagou aquilo ali. Nós pagamos, todos vocês aqui pagaram.

Aí, nós podemos fazer duas coisas: transferir isso que nós pagamos para as nossas tarifas – e é bom lembrar que isso está em contrato. Não é uma invenção da minha cabeça. Não é, Maurício? Quando a gente assina o contrato, está lá escrito: “Findo os 35 anos...” –

está lá no contrato - volta para quem? "...volta para o poder concedente", que é o governo federal. O governo federal pode, a seu critério, achar que precisa de mais um tempo, mas o correto é devolver para a população deste país, porque ela pagou por isso.

E aqui, a gente respeita contrato...se tem uma coisa que eu vou dizer para vocês que este governo sempre fez, e o governo do presidente Lula também, e quero dizer que os governos anteriores a nós também fizeram.

Nós viemos de um ciclo de respeito ao contrato, que eu acho que vai fazer uns 20 anos. Há 20 anos o Brasil não rompe contratos. Há 20 anos o Brasil olha o contrato e fala: "Ah, é isso? Posso não concordar, mas vou assumir", porque palavra dada é palavra empenhada.

Então, eu quero dizer para vocês que também, por outro motivo, nós podemos reduzir um pouco a tarifa de energia elétrica, e é porque nós estamos concluindo a universalização. Nós não precisamos mais desse dinheiro para poder pagar... porque custa caro, você não pode cobrar. Porque, antes, sabe como eles faziam a universalização? O universalizado - que não tinha renda porque não tinha sequer energia elétrica -, iam lá e cobravam dele. Aí, nunca que saía a universalização neste país, porque a pessoa não tinha como pagar, não tinha. Ela não tinha nem luz, como é que ela ia pagar pela luz?

Então, o governo é obrigado a fazer isso antes. Nós pagamos primeiro, e temos certeza de que, depois que nós criamos as oportunidades, o povo pagará depois. Mas, primeiro, eles tem de ter, para depois - em algum momento no futuro, quando as condições forem as melhores para eles - eles puderem pagar.

Nós estamos acabando esse processo, nós estamos pagando. Nós pagamos toda a universalização. Então uma parte do que a gente tinha para fazer isso nós estamos, também, devolvendo para o povo. É por esses dois motivos que nós vamos diminuir a conta de luz em janeiro deste ano [de 2013].

Além disso, eu queria dizer para vocês uma última coisa: eu me orgulho muito do setor elétrico no Brasil. Eu me orgulho desses empreendedores. E isso eu estou falando como presidente da República. Eu me orgulho desse país ter empreendedores que têm a capacidade de construir uma hidrelétrica.

Me orgulho do fato de que esses equipamentos foram produzidos aqui. Me orgulho do fato de que os trabalhadores que a construíram são brasileiros e eu tenho certeza que nós iremos formar cada vez mais, em todos os lugares que estivermos, mais trabalhadores capacitados e qualificados.

Porque, na verdade, tudo isso que é feito nesse país só tem um sentido. Aliás, só tem sentido ou não tem sentido a não ser que seja para beneficiar as pessoas. Não existe outra forma de desenvolvimento. Nenhum desenvolvimento pode ser medido sem a métrica, o metro, a medida que mede a capacidade das pessoas terem uma vida melhor e terem mais oportunidade.

Por isso, eu estou muito feliz aqui e eu espero que uma das melhores oportunidades, além de dar energia para o nosso país crescer, seja de dar o peixe para que nós possamos - um país desse tamanho - ser um grande país capaz de ser uma potência pesqueira.

Ora, as nossas represas, as represas das nossas hidrelétricas têm esse poder criatório, que é criar peixe e alimentar com proteína de altíssima qualidade a nossa população.

Então, eu fico muito feliz de estar aqui com os empresários de alta capacidade desse país e com o Movimento dos Atingidos por Barragens.

Obrigada.

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-inauguracao-da-usina-hidreletrica-estreiro-estreiro-ma-25min01s>) (25min) da Presidenta Dilma.

24-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do 27º Salão Internacional do Automóvel

São Paulo-SP, 24 de outubro de 2012

Boa tarde a todos, boa tarde a todas.

Queria cumprimentar o nosso governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Queria cumprimentar os senhores ministros de Estado aqui presentes: Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Agnaldo Ribeiro, das Cidades.

Cumprimentar o embaixador De la Peña, do México,

O nosso prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab,

Queria cumprimentar também o Juan Pablo de Vera, presidente da Reed Exhibitions Alcantara Machado,

Cumprimentar o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, Anfavea, senhor Cledorvino Belini,

Cumprimentar Flávio Padovan, presidente da Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos Automotores, Abeiva,

Cumprimentar o Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Cumprimentar o Paulo Roberto Rodrigues Butori, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes de Veículos... para Veículos Automotores, o Sindipeças,

Cumprimentar o João Guilherme Ometto, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo,

Cumprimentar, com um carinho muito especial, o Emerson Fittipaldi aqui presente, que é nosso parceiro na prevenção de desastres de trânsito, e que nos ajuda nessa, eu acho, nessa tarefa, que é uma tarefa que decorre da expansão, também, do Brasil, que é impedir que jovens e que pessoas de todo o nosso país morram e sejam condenadas a perder toda uma perspectiva de vida por conta de acidentes.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores expositores deste 27º Salão do Automóvel,

Cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas aqui presentes.

Este Salão Internacional do Automóvel, ele já se tornou um evento, um evento importante, eu acho, para o Brasil, para o governo, para os governos estadual e municipal e para o governo

federal, e esperado com ansiedade, como a gente pode ver pelas filas que se formam para entrar.

A 27ª edição, ela ocorre num momento muito especial para a indústria automobilística brasileira. Nós sabemos que o sucesso do Brasil é, também, o sucesso da indústria automobilística. Quando a renda e a ascensão de milhões de brasileiros ao consumo, a ascensão de milhões de brasileiros ao direito ao trabalho, ao crédito, elas criam perspectivas extraordinárias para o próprio mercado automotivo.

Hoje, nós somos o quarto maior mercado global de veículos e os recordes de produção e de venda de automóveis são quebrados ano a ano. A gente diz que a riqueza do nosso país ela é a mais variada possível. Nós temos uma das maiores agriculturas do mundo, nós temos petróleo, nós somos um país com uma população com uma grande unidade étnica, nós somos um país democrático, que respeita contratos, com estabilidade. Temos uma indústria. Não perdemos essa indústria ao longo da década de [19]80 nem a de [19]90. Podemos, inclusive naquilo que foi desmembrado ou naqueles elos que foram perdidos, nós podemos reconstruir. Ao contrário de muito países, principalmente aqui da América Latina, que perderam das suas empresas, tanto as suas empresas industriais como empresas na área de energia.

Mas tem uma coisa que é a nossa riqueza. Que é o fato de sermos um país com, praticamente, duzentos milhões de habitantes. E um país com duzentos milhões de habitantes tem uma riqueza fantástica. É um país de tamanho grande, porém não grande excessivamente, mas com mercado vigoroso.

Produzir a distribuição de renda nesse país fez a diferença. Tornou esse país um grande mercado interno, com consumidores que, inclusive, têm demanda reprimida, porque muitos deles sonharam ao longo do tempo em ter um automóvel. E quando ascendem à classe média, realizam um dos seus sonhos comprando o seu primeiro automóvel ou o seu segundo automóvel, mas sobretudo do seu automóvel novo, aquele automóvel com o qual ele sempre sonhou; ele ou ela.

Por isso é um cenário totalmente distinto do vivenciado pela indústria automobilística na maioria dos países desenvolvidos, onde os mercados de consumo são maduros, onde a classe média está sendo destruída, notadamente nos países europeus, onde há uma perda brutal de renda.

Nós vivemos uma outra conjuntura. Nós estamos aqui numa conjuntura em que não só o país conseguiu elevar à classe média a 40 milhões de pessoas, mas também onde nós estamos também procurando elevar os outros 16 milhões... tirar da pobreza extrema os outros 16 milhões. Mas também onde nós temos certeza que o desenvolvimento vai trazer riqueza. Nós queremos um país de classe média, nós queremos um país que tenha níveis de renda compatíveis com o seu potencial de riqueza e com toda a sua capacidade. Portanto, queremos também um país com trabalhadores com trabalho de qualidade.

Daí por que eu acredito que o regime automotivo, o novo regime automotivo, o Inovar-Auto, ele é fruto desse novo momento. Nós não podemos achar que o Brasil é uma ilha e que nós não vamos importar. Não é isso que o Inovar-Auto é. Nós vamos continuar importando. Agora, o que nós não vamos fazer é, sobretudo, importar. Este país não é uma montadora só. Este país terá de ser um lugar no qual se gere elos de cadeia produtiva sustentáveis da indústria de autopeças, da produção de motores de transmissão, da produção do que for, complementada pela produção internacional, mas aqui tem de ter essa produção.

Não é possível que a gente ache que o nosso país não possa gerar conhecimento científico e tecnológico na indústria automobilística. Não é possível a gente concordar que haja uma

perda de capacidade de geração tanto no que se refere à tecnologia como no que se refere a produtos. Nós queremos gerar tecnologia, porque o nosso país tem um desafio e chama-se o desafio da produção. E produzir vai significar para o nosso país ter uma imensa capacidade de inovar. É por isso que insistimos tanto na questão da formação educacional do nosso país. Por isso, que fazemos um programa como o Ciência sem Fronteiras, que quer formar 100 mil brasileiros e brasileiras no exterior.

Nós não fazemos isso porque achamos que podemos viver comprando de fora, pura e simplesmente. Nós temos de nos integrar às economias mais avançadas do mundo, às economias emergentes, às economias em desenvolvimento e ajudar as economias com baixo nível de desenvolvimento. Mas nós temos, também, de cuidar da nossa indústria.

O Inovar-Auto é isto. É olhar para a indústria automobilística e falar: “Indústria automobilística, nós queremos te apoiar”. É isso. Apoiar a indústria automobilística, a cadeia da indústria automobilística.

E aí eu estou muito feliz de ter estado aqui hoje. Nós sabemos que data de [19]56 o início da indústria, da primeira chegada do setor aqui. Chegaram em São Bernardo. Antes, tinha a fábrica da Vemag, a Romiseta. Mas, eu acredito que nós, hoje, estamos numa nova etapa.

Nós temos no Brasil uma indústria automobilística razoavelmente sofisticada, representada pelas grandes empresas mundiais produtoras de automóvel. O que fica claro é que nós somos um mercado extremamente atraente. Nós somos esse mercado. Nós temos de ter consciência disso.

Quem é um mercado com essa... Uma vez uma ministra da América Latina disse: “o mercado brasileiro é ‘apetecible’”. De fato, é um mercado apetecível. É um mercado significativo, com uma imensa capacidade, eu acho, de gerar oportunidade para todos.

Por isso, eu acredito que o Inovar-Auto ele combina várias coisas. Ele combina essa importância que nós temos de dar para a geração da inovação, num país como o nosso, que apesar de ser um país com grande capacidade de produção de *commodities*, tem de ser capaz de agregar valor e de produzir inovação na indústria, tem de ser capaz de transformar as suas oportunidades. Ao mesmo tempo, é um momento em que nós queremos que a qualidade do trabalho, a qualidade do trabalho empregado no Brasil seja... porque você não agrega valor com trabalho de baixa eficiência, de baixa produtividade. Você só agrega valor quando você junta, ao produto, conhecimento humano, além da sua habilidade. Mas é fundamental que nós façamos isso.

Daí por que eu acho que também é um momento especial para os trabalhadores brasileiros. Nós estamos aqui juntando e mostrando que é possível essa inter-relação entre sociedade, governo e a iniciativa privada, os empreendedores, que são fundamentais para se transformar este país.

Eu sei que nós também vamos buscar, na nossa indústria, maior segurança para impedir desastres. Vamos buscar maior eficiência, porque somos um país comprometido com a questão do gasto menor da energia, e uma das questões mais cruciais é a matriz de combustíveis em qualquer país do mundo.

E se nós queremos preservar o meio ambiente... e aí é importante os táxis elétricos aqui na cidade de São Paulo, Kassab, como é importante o uso do biodiesel, mas é importante ver que a nossa indústria é uma indústria que, além disso, ela tem uma característica: ela produz carro *flex fuel*. O que não é *flex fuel*... hoje eu vi, com uma grande alegria, vários produtos híbridos – qualquer combustível e energia elétrica – e vi também só carro movido a energia elétrica.

Acredito que o Brasil pode e deve dar uma grande contribuição nessa área porque não há nenhum país do mundo que possua uma matriz de combustível renovável como a nossa. Não há um carro no Brasil que não tenha uma parte de etanol. Não há... Nós começamos o zero nosso com 20%, nosso zero é 20%. Então, hoje também eu vi aqui um compromisso com a modernidade, no sentido da sustentabilidade do meio ambiente.

Eu queria dizer para vocês, também, que estou muito feliz porque eu percebo uma clara disposição da indústria, no sentido de solucionar todos os problemas que podem eventualmente decorrer da aplicação e da adoção do Inovar-Auto. Por quê? Porque eu não acho que o Brasil pode abrir mão de produzir aqui o que pode produzir aqui, de forma competitiva, com preço, prazo e qualidade. Nós podemos fazer isso, nós temos condição de, com esses três requisitos – preço, prazo e qualidade – sermos *players*, aqui no Brasil e lá fora.

Daí porque eu senti, também, uma grande força por parte dos empreendedores, no sentido de procurar não só contemplar o mercado brasileiro, mas criar produtos que eu acredito que, progressivamente, serão produtos atrativos no mercado internacional.

Nós sabemos que as metas que colocamos para o novo regime automotivo, elas são factíveis e realistas. Eu afirmo isso com base em um número que eu acho que é relevante: 19 fabricantes já haviam aderido ao regime, antes mesmo de sua completa regulamentação, em especial aquelas empresas que têm mais de 30 anos, mais de 20 anos no Brasil. E também são muito bem-vindas esse novo ciclo de empresas que estão entrando.

E, por isso, eu queria fazer um anúncio para vocês, antes de encerrar. Eu hoje vim aqui também anunciar que nós vamos prorrogar a redução do IPI até 31 de dezembro de 2012.

Eu agradeço a atenção dos senhores.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-abertura-do-27o-salao-internacional-do-automovel-sao-paulo-sp-17min14s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-abertura-do-27o-salao-internacional-do-automovel-sao-paulo-sp-17min14s>) (17min14s) da Presidenta Dilma

25-10-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Safra da Pesca e Aquicultura

Brasília-DF, 25 de outubro de 2012

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia,

Cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando o Marcelo Crivella, da Pesca e da Aquicultura; a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann.

Queria cumprimentar a mãe do ministro, Eris Crivella.

Queria cumprimentar a esposa do ministro, Sylvia Jane Crivella,

A filha do ministro, Deborah Crivella,

Cumprimentar os demais ministros aqui presentes, saudando as parcerias mencionadas pelo ministro Crivella.

Cumprimentar os governadores Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Washington Oliveira, governador em exercício do Maranhão; Domingos Gomes de Aguiar Filho, governador em exercício do Ceará; Confúcio Moura, de Rondônia; Elenilson Pontes, vice-governador do Pará.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores senadores aqui presentes: Ângela Portela, João Costa, João Ribeiro, Marco Antônio Costa e Valdir Raupp.

Cumprimentar as senhoras e senhores deputados federais Cléber Verde, presidente da Frente Parlamentar da Pesca [e Aquicultura]; Antonio Bulhões, Betinho Rosado, Heleno Silva, Hélio Santos, Izalci, Luiz Couto, Marinha Raupp, Pedro Eugênio, Quirino e Vitor Paulo.

Cumprimentar os ex-ministros da Pesca aqui presentes: Altemir Gregolin e José Fritsch.

Cumprimentar o presidente da Petrobras Biocombustíveis [Biocombustível], Miguel Rossetto,

O presidente do BNDES, Luciano Coutinho.

Dirigir um cumprimento especial ao presidente da Confederação Nacional dos Pescadores e Aquicultores, Abraão Lincoln.

Cumprimentar, muito especialmente, todos os trabalhadores e trabalhadoras da pesca e da aquicultura aqui presentes e espalhados pelo Brasil.

Cumprimentar o Ricardo Neukirchner, que nos fez um discurso impressionante, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Tilápia, que representa todos os empreendedores,

empresários e empresárias da indústria da pesca.

Cumprimentar aqui as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu tenho e me impressiono muito com o empenho do senador Crivella na direção do Ministério da Pesca. E eu vou repetir algo que ele sempre faz quando ele marca uma audiência comigo, que é algo muito importante, que é citar os números da pesca, porque dá um tamanho do que é possível fazer nesse ministério no Brasil.

O senador sempre me diz: O Brasil possui oito mil quilômetros de costa marítima. Nossas reservas de água doce representam 13% da reserva mundial. Temos um verdadeiro mar interno feito de reservatórios, açudes em praticamente todas as nossas bacias hidrográficas. É como se fôssemos, não só um grande acesso ao mar, mas um grande mar de água doce.

Mas no ranking da produção mundial o Brasil está apenas em 23º lugar na pesca e 17º lugar na aquicultura. Esse quadro, esses números, dá o tamanho do nosso desafio. É isso que hoje nós tentamos construir mais um caminho.

Eu acredito que um caminho estratégico. Porque esse descompasso oferecido entre o nosso potencial, dado por nossas condições naturais, e o dinamismo da atividade da pesca e da aquicultura no Brasil, nós pretendemos rompê-lo com mais um instrumento que eu considero muito bem elaborado pelo ministério, com a cooperação de todos os demais ministérios, mas, sobretudo, pelo ministro e pelo Ministério da Pesca, que é o Plano Safra da Pesca e da Aquicultura.

Com esse plano, nós estamos dando uma formalização à atividade da pesca. O grande objetivo desse plano é criar condições objetivas para transformar esse nosso imenso potencial em atividade econômica competitiva e lucrativa. Portanto, crescer em trabalho e renda para milhões de brasileiros e brasileiras. Portanto, proteger e incluir, como muito bem disse o nosso ministro.

Nós estamos colocando 4 bilhões e 100 mil reais [R\$ 4,1 bilhões] que investiremos até 2014. Mas aqui eu vou repetir o que eu tenho repetido tanto no programa do Plano Safra da Agricultura Familiar quanto no Plano Safra da Agricultura Comercial do Brasil, que é: recursos não vão faltar se esses recursos forem gastos de forma produtiva e efetiva.

Nós vamos fortalecer a atividade pesqueira no Brasil transformando essa atividade pesqueira nisso que é a característica do nosso modelo. Tanto um instrumento de crescimento econômico do país, de aumento dos nossos investimentos nessa, que sem dúvida é, junto com a agricultura uma das grandes áreas, um dos grandes setores que caracterizarão o século XXI: o setor de fornecimento de proteína. E isso é o que nós chamamos de um crescimento voltado para o uso do nosso potencial e ao mesmo tempo que gera inclusão social, que gera a melhoria da qualidade do trabalho que é aplicado nessa área, nesse setor.

E ao mesmo tempo, só comentando um produto disso que gera divisas para o nosso país, que modifica e melhora o nosso balanço de pagamentos e que transforma uma atividade que nós até hoje mantivemos como uma atividade mais lateral numa atividade central do crescimento econômico do nosso país.

E essa é uma tarefa de governo que o Ministério da Pesca cumpriu. Que é propor implementar políticas que propiciem a exploração econômica sustentável de recursos a serviço do interesse de todos os brasileiros, de todas as brasileiras. É uma política de desenvolvimento na acepção mais legítima da palavra.

Nós não temos dúvida que esse é mais um passo para que nós conquistemos a nossa ambição, porque é fundamental – não é, ministro Crivella? – que tenhamos ambição. E a

nossa ambição é transformar o Brasil numa potência pesqueira. É essa a nossa ambição.

Nós sabemos que, nos últimos anos, a realidade da pesca no Brasil mudou e mudou muito. Desde o governo do presidente Lula, nós, com a criação, primeiro, da Secretaria e depois transformando a Secretaria em Ministério e, a partir de 2009, com a Lei da Pesca e da Aquicultura e com várias medidas que foram tomadas, ao longo desses anos, nós construímos um arcabouço político e institucional, que garantiu muitos avanços.

Mas eu acredito que o que nós ganhamos de mais estratégico nesse processo foi a consciência da importância desse setor. Esse setor de aquicultura e pesca, nós ganhamos a consciência da importância dele. Nós quem? Nós, governo, e – acho que crescentemente – nós, sociedade.

Essa consciência é um instrumento fundamental para que nós mudemos a realidade. Quando a gente escuta senador, por exemplo, eu viajei recentemente para Tocantins, o senador João Ribeiro estava extremamente preocupado com as condições de vida e de trabalho dos pescadores. Outros senadores, também, que comentaram comigo e com o ministro da Pesca sobre, também, a situação de pobreza ou extrema pobreza de seguimentos de pescadores, levam que a gente tenha de focar também nesse setor todos os nossos programas sociais.

Os programas de saúde, que tratam da questão dos olhos, de toda a nossa política de segurança alimentar, no que se refere tanto ao Bolsa Família quanto à própria questão do Brasil Carinhos, enfim, tudo isso configura um problema que eu acredito que é mais, aliás, menos um problema e mais uma solução: que é olhar, se preocupar na solução dos problemas específicos dessa população que vive da pesca no Brasil. Tanto quando a gente se refere à questão do desenvolvimento, os problemas dos empresários, mas também, fundamentalmente, dos trabalhadores.

Por isso, nós, nesse Plano Safra, reconhecemos os pescadores e os aquicultores como produtores. São produtores, e por isso, eles têm acesso ao crédito, eles estão no mesmo status de produtor rural. Portanto, têm acesso ao crédito que tem qualquer produtor agrícola neste país.

E as pessoas dedicadas às atividades complementares à pesca artesanal como conserto de rede; beneficiamento e comercialização da produção passaram a ser reconhecidos como trabalhadores da pesca. Com o reconhecimento vale dizer, fundamental, sobretudo, para as mulheres.

As linhas de crédito do programa... do Pronaf, elas passam a contemplar pescadores e aquicultores para a aquisição de redes, tarrafa, puçás, além de modernizar e reformar embarcações.

Nós, neste processo, vamos caminhar mais uma vez para dar um passo para além disso. A pesca e a aquicultura vai ter de avançar, também em ganho de escala, incorporar tecnologia e eficiência, enfim, nós temos de olhar a pesca também como um negócio sofisticado, avançado e que requer... e que requer uma coisa que o Ministério da Pesca fez: requer que nós busquemos melhores experiência internacionais, nacionais e utilizemos essas melhores práticas para darmos um salto de qualidade na política de apoio à pesca e aquicultura no Brasil.

Nós espelhamo-nos no Plano Safra da Agricultura Familiar e do agronegócio. Espelhamos porque são planos que deram certo. E nós queremos que a pesca, nesse momento, dê um salto. Tenha sustentação para os trabalhadores, para os pequenos aquicultores, para os pequenos pescadores, e tenha sustentabilidade para os grandes e médios empreendedores. É isso que torna esta... Eu diria esse casamento entre a assistência técnica e crédito

instrumento fundamental para que a gente transforme a pesca numa atividade produtiva e inclusiva no nosso país.

Eu acredito que um dos elementos essenciais desse processo vai ser, principalmente para os pequenos, vai ser o Programa de Aquisição de Alimentos, o PAA. Nós vamos comprar pescado e, com isso, estaremos dando duas contribuições: criando uma demanda para o setor de pesca e aquicultura e depois introduzindo, por exemplo, na alimentação das nossas crianças uma fonte de proteína de mais alta qualidade e melhorando os hábitos alimentares da população brasileira, porque é fundamental consumir peixe. É fundamental que nós tenhamos a capacidade de introduzir maciçamente na alimentação do povo brasileiro o consumo do pescado.

Ao fortalecer, também, as cooperativas e associações de pescadores, nós vamos aumentar a capacidade de negociação e ao acesso ao mercado. Por isso, nós focaremos nas cooperativas, nas associações e no financiamento dessas entidades, como um elemento para melhorar a defesa dos nossos produtores e uma presença no mercado que seja mais justa e equilibrada.

Esses que eu estou dando são apenas alguns dos exemplos das ações do Plano Safra da Aquicultura e da Pesca. Eles constituem um conjunto, um elenco de instrumentos e o nosso objetivo é, com esses instrumentos, elevar a nossa capacidade de produzir e fazê-lo de forma mais equilibrada e justa possível.

Por isso, eu acho que tem uma imagem que ilustra muito o sentido desse plano safra. E essa imagem é uma imagem de esperança e de coragem, que é a imagem do pescador que sai em seu barco, enfrenta – como é no caso da vida, do dia-a-dia de todos nós – no caso dos pescadores, as forças da natureza – que produzem o seu sustento.

Essa cena eu acho que ela é a cena de todos os pescadores que usam o mar, ou os nossos rios, como uma forma de sustento.

Nós, de fato, não podemos domar as forças da natureza, como sabem bem melhor do que nós os pescadores, mas nós temos condições de nos aliar a elas, e produzir e gerar, com essa produção, uma criação de oportunidades que é essencial para o nosso país.

Por isso, eu diria que o Plano Safra da Pesca e Aquicultura, que nós lançamos hoje, é, na síntese, um instrumento que vai permitir maiores oportunidades para os brasileiros e as brasileiras, que é isso que nós queremos no nosso país.

Para os pescadores e os aquicultores é dar realidade a esse imenso potencial que o nosso país desfruta.

Para nós, população brasileira – principalmente, para as nossas crianças e jovens -, é dar acesso à nossa população a uma fonte de proteína de altíssima qualidade.

E para nós, em termos de projeção da nossa capacidade diante do mundo, capacidade comercial, é nos tornarmos um grande exportador de pescado para o mundo.

O nosso objetivo até 2014, como disse o Crivella, é produzir 2 milhões de toneladas, mas a gente tem esse benefício intermediário. O nosso benefício, até 2020, é nos tornarmos um grande exportador de pescado do tamanho do nosso potencial.

Obrigada a todos e parabéns!

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex->

[presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-plano-safra-da-pesca-e-aquicultura-brasilia-df-20min09s](#)(20min09s) da Presidenta Dilma.